

Momentos de uma análise

Nora B. Susmansky de Miguelez

Comentado por

Leopold Nosek e Ana Rosa Chait Trachtenberg

Nora B. Susmansky de Miguelez é psicanalista. Doutora em Psicanálise pela PUCSP. Membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é professora e supervisora. Autora do livro *Complexo de Édipo Hoje?*, coautora do livro *Política e Psicanálise*. Tem artigos e debates publicados em diferentes revistas de psicanálise.

Leopold Nosek é psicanalista, médico psiquiatra, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; autor de *A disposição para o assombro* (Perspectiva, 2017); Ganhador do Sigourney Award 2014.

Ana Rosa Chait Trachtenberg é médica psicanalista. Membro Titular com Função Didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre – IPA.

Apresentação

Agradeço o convite para publicar na revista *Percurso* o relato de alguns momentos da análise de um paciente com quem trabalhei faz uns 10 anos. Falo em *momentos* e não no habitual *fragmentos* porque na minha memória se destacam determinados períodos e/ou sessões em que, a despeito de qualquer linearidade temporal, situações transferenciais presentes ou passadas, determinaram mudanças de rumo, ressignificações e elaborações significativas no trabalho de analisando e analista.

I.

Zé me telefona e me diz que está precisando de análise. Parece bastante animado e seguro. Combinamos um horário e quando o vejo, seu sorriso cálido combina bem com a impressão que me deu ao telefone. Ele é grandão, vestido bem à vontade, relaxado e harmonioso. Em poucos dias, vai fazer 30 anos. Logo me conta que “tem” síndrome de pânico. Ele a “tem” como se tem um calçado que aperta ou uma verruga inconveniente. Um corpo estranho, algo que não combina. Fala da tal síndrome fazendo uma descrição estilo anamnese psiquiátrica: “... taquicardia... tremor... suor frio... sensação de morte...”

Bela indiferença, diria Freud. Essa morte de que fala não é matada, nem morrida ou temida. De fato, ele continua com calma seu relato: na adolescência sofreu alguns episódios leves, momentos de angústia, mais do que estados que pudesse descrever. Mas na despedida do colégio (que ele gostava e admirava), na passagem para a universidade, foi tomado pelo terror de morrer e muitas vezes apenas encontrava refúgio, encolhido, trêmulo, em seu quarto. Os pais se apavoraram e prontamente levaram-no para um psiquiatra que acalmou a todos, explicou os processos nos neurotransmissores, o medicou com antidepressivos e ansiolíticos e indicou terapia com uma psicóloga. Zé gostou de ambos e do tratamento e em três anos recebeu alta, sem sintoma algum. Enquanto isso, ele cursava simultaneamente duas faculdades que considerou complementares para seus interesses e projetos. Esse currículo facilitou que, uma vez formado nas duas carreiras, entrasse com facilidade como estagiário numa grande empresa. Considerava que seus colegas eram muito interessantes, inteligentes e bem preparados e admirava especialmente a seu chefe, tanto pela experiência e conhecimentos que possuía quanto pelas suas qualidades pessoais. Zé trabalhava com entusiasmo e esticava sua jornada de trabalho se fosse necessário. Foi efetivado, mas, depois de dois ou três anos, começou a se desentender com o chefe, a achar que ele não era criativo e sim burocrático. Sua vontade de colaborar foi raleando e começou a achar coisas mais interessantes para fazer fora da empresa. Faltava, chegava tarde, saía cedo e finalmente, depois de uma repreensão de seu superior, demitiu-se, mas conservou com a empresa uma relação de trabalho como *freelancer*. No começo, se sentia livre e poderoso, pensando nos projetos de estudo e de pesquisa que agora teria tempo de fazer. De modo inesperado, não sabe como nem por que, voltaram a aparecer a angústia e os temidos momentos de pânico perante a morte. Por isso me procurou. Antes tentou retomar a psicoterapia com a psicóloga com quem tinha trabalhado, mas ela tinha mudado para uma cidade de um estado longínquo. E ele não queria medicação devido aos efeitos colaterais que tinha sofrido da vez anterior. Por outra parte, pensava que a ajuda tinha vindo muito mais da psicoterapia que do receituário do psiquiatra. Essa psicóloga tinha lhe falado da ioga e ele acabava de começar a praticá-la. Sem transição, as associações de Zé vão se afastando do relato das angústias e do pânico. Conta que sempre gostou de nadar e tinha retomado recentemente essa atividade. Já escolheu dois grupos de estudo que estavam começando e que ele acha muito interessantes. Enquanto me fala sobre suas novas atividades, vai se empolgando com a descrição de tudo que em sua vida é “bom” e “belo”, agora que está com tanto tempo livre. Junto com sua turma, frequenta cinemas, teatros, shows, exposições. Tem uma namorada de bastante tempo, boas relações sexuais com ela e com alguma outra de vez em quando. Vão para a praia, para festas... Gasta pouco nessas atividades e usa para isso o que ganha como *freelancer*. Aos poucos, o clima de sedução que sugere uma “vida maravilhosa” domina a entrevista e tira o acento de sua demanda de análise, afasta e elude o tema doloroso do chefe que o desapontou e os ataques de angústia. Fica longe o pânico de uma morte iminente. Tudo “isso” parece esquecido e estacionado num lugar remoto. “Isso” não pode contar ainda suas experiências de sofrimento e gozo.

II.

Zé começa sua análise. Suas sessões, que eu acho sempre interessantes, estão imbuídas da atmosfera do “belo” e do “bom”. Nosso trabalho e eu passamos logo a fazer parte dessa espécie de casulo que envolve tantas atividades atraentes. É claro para mim que esses encontros tão gratos são o efeito de uma espécie de teia resistencial, sedutora, destinada a evitar, a manter longe, aquilo que poderia trazer de novo o sofrimento. Recurso ao encantamento mútuo, água benta, socorro repetitivo quando a angústia fecha seu cerco. Como numa pira sacrificial, os sintomas parecem ser incinerados: em pouco tempo desaparecem. Essa fênix, porém, reaparecerá intacta e poderosa e se fará ouvir quando o momento oportuno se apresente. Enquanto isso, os relatos vão urdindo uma trama fragmentária em que, por enquanto, os sintomas não encontram um lugar. Mas na minha escuta começam a aparecer perguntas sem muita conexão: nada parecido a uma narrativa.

Pai e mãe se querem bem. Ele, o pai, é o protetor de todo mundo e dispõe dos meios para isso: é calmo, gentil, bem-sucedido. A mãe é alegre, carinhosa, muito medrosa e até ansiosa. O pai e Zé a confortam. Ela está sempre disponível e conversa bastante com os filhos. Foi ela que indicou meu nome, por recomendação de uma amiga “psi”. Já com o pai, ele não tem intimidade, embora o defina como “gente fina” e “um amigo”.

Zé tem uma irmã mais velha: ela também namora faz tempo e trabalha com o pai, que se preocupa bastante com ela, pelas dificuldades escolares que teve a vida inteira e pela falta de ambições que a caracteriza. Uma frase do Zé aparece em destaque: “Nós dois estamos como que enalhados”. O tom é de queixa, mas me leva a brincar: “Graças a Deus, não é?”.

III.

Tempo depois vem a notícia de um trabalho fixo que julga perfeito para ele e para os novos interesses e competências que veio desenvolvendo. Seguem-se as alternativas e o suspense da concorrida seleção. Extraoficialmente, Zé é informado de que o jurado considerou que ele era a pessoa perfeita para o cargo. Zé imagina, feliz, que agora poderá alugar um apartamento para sair de casa e desencalhar. Talvez chame a namorada a morar com ele, mas logo desiste: vai convidá-la algumas vezes.

No entanto, na última hora, a eleita para preencher a vaga na empresa é uma colega a quem ele conhece. “Ela é limitada, débil mental!”, me conta com indignação. Lembro da irmã do Zé, mas não considero oportuno dizer nada. Ele está tomado pela raiva e acumula provas e situações em que a moça mostrou que pouco valia. Logo imagina “Já sei: ela tem um pistolão”. A ideia o deixa fora de si e o ocupa sessões a fio: quer saber quem foi. Expressa sua revolta raivosa, sua mágoa perante a injustiça.

Por essa via irrompe, de improviso, o relato que não pôde aparecer em nossa primeira entrevista. Os fatos passados recuperam a voz e agora ele evoca as injustas circunstâncias que o levaram a renunciar ao emprego anterior: também aí houve uma débil mental na origem dos desentendimentos com seu ex-chefe. Amargo, ele reivindica: não necessita de padrinhos, nem antes, nem agora. A análise, nosso trabalho (“madrinha?”), há de auxiliá-lo a dar a volta por cima, a revidar, a dar o troco, a orquestrar uma bela vingança. Como num deslizamento sutil, a sedução habitual deixa transparecer sua face de conluio vingativo e dolorido. Zé não precisa deles. O que quer mesmo é que morram, que sumam de sua vida.

Aos poucos, os sintomas reaparecem. Na hora mais inesperada do dia, no meio de um pesadelo noturno, aterrorizando as sessões. Se diria que o voto mortífero dirigido a “eles” inverteu seu sentido para desabar na cabeça do Zé, possuído agora pelo terror da própria morte. Culpa e autopunição pelos desejos “assassinos”? A “analista maravilhosa do paciente maravilhoso” já não é mais capaz de poupá-lo de ser arrastado pelo pânico. Não, pelo menos, no contexto do conluio vingativo e excludente, reativo à dor de ter se sentido descartado. Aos poucos, como é possível em meio à confusão e aos sentimentos de emergência, de perigo, disparados pela angústia, as associações elucidam esse laço transferencial oculto. A trama conspirativa e assassina dos “aliados” (analista e analisando) contra “eles” aparece e some numa perlaboração prolongada, que revisita a história do paciente e ilumina momentos especiais, com frequência a partir de sonhos complexos.

Um deles começa com uma festa na qual encontra uma amiga com quem teve um breve namoro poucos meses atrás. Ela estava separada do marido, mas logo voltou com ele e nesse momento estava começando uma gravidez. No sonho, trocavam olhares cúmplices. Depois, ele estava na porta, esperando que trouxessem seu carro quando vê que sua mãe também está aí. Comenta: “É como se tivéssemos ficado juntos na festa”. Eu acrescento: “De fato, você estava com uma mãe aí: sua amiga grávida e cúmplice”. Ele ri e continua: “Minha mãe estava subindo no carro e eu vejo um caminhão desgovernado que vai bater no carro. Tiro minha mãe a tempo e, quando o caminhão bate, cai de dentro dele um ataúde que se abre e deixa ver um corpo. Minha mãe olha e começa a chorar desesperada”. Vamos trabalhando sem muita dificuldade os elementos do sonho: ele mesmo imagina que o corpo devia ser do pai. “Mesmo morto, meu pai vem furioso contra nós, porque fomos juntos na festa”. Ele fica calado e diz: “Furioso estou eu. Não com meu pai, mas com o cara que colocou essa moça no trabalho que devia ser meu!” Eu acrescento: “Mas o cara protegeu a moça como seu pai protege sua irmã. Acho que você se vinga dos homens, na cumplicidade com a amiga grávida, na saída para a festa com sua mãe, na vontade de ver seu pai morto...”

Enquanto vamos trabalhando, a angústia diminui bastante. Já não se expressa no temor da morte iminente, mas em sentimentos de profundo desamparo, orfandade e depressão que o deixam apreensivo, com o cisma de estar exposto a riscos incertos. Junto com a culpa e o autocastigo, evidencia-se um segundo efeito do desejo de morte: o desamparo, que também participa da experiência de pânico. E ele tem razão: se os pistolões, os padrinhos, o pai, já morreram, segundo o desejo do Zé: quem há de garantir a vida, o bem-estar, o futuro, a proteção dos filhos como ele? Os fios associativos são infindáveis: “Meu pai cuida muito de nós: quer que tenhamos carros grandes e fortes: é na hora dos acidentes que isso define a diferença entre a vida e a morte”.

Obviamente, os sintomas de Zé produzem angústia na sua família. Agora também ele é, de certo modo, alguém limitado, como a mãe e a irmã. O pai está aflito, quer acompanhá-lo em suas atividades, levá-lo em seu carro como carona, rodeá-lo de atenções, de carinho e de cuidados. Zé usufrui assim do *benefício secundário da doença*? Em certo modo, sim. Mas eu tenho a impressão de que talvez tenhamos chegado aí ao *benefício primário*, aos desejos pelo pai, usualmente recalçados em Zé. O sofrimento do sintoma dá expressão ao prazer da realização do desejo de ser o objeto passivo e preferencial da paixão paterna. Da paixão *protetora* desse pai que afirma sua potência no amparo aos fracos e limitados.

Nesse período difícil e esclarecedor de sua análise, Zé relata um sonho: está numa festa, com a irmã e o namorado. Em pé, fica olhando os casais que dançam. Ele não encontra ninguém que fique com ele e decide ir embora. Na porta, o pai o espera, como quando era adolescente, e Zé sente muito alívio, como se estivesse perdido e o pai o encontrasse. “Temos que chamar tua irmã”, fala o pai. E ele avisa que a irmã ficará mais tempo e voltará com o namorado. Então, pegam o carro e voltam conversando sobre o jogo de futebol a que o pai assistiu. Acorda aflito, mas se acalma quando percebe que foi apenas um sonho, mesmo que a lembrança o deixe algo envergonhado. Conta que nos últimos dias retomou sua independência: pegou seu carro, atendeu seus compromissos, entregou um trabalho na empresa. Disse que o pai respeitou suas decisões, mas ficou preocupado. Na hora do almoço lhe perguntou se não gostaria de trabalhar junto com ele, como sua irmã. Ele agradeceu, falou que tinha outros projetos e voltou a se sentir envergonhado. Fala de sua vergonha como se fosse algo que devia superar o quanto antes. Eu apontei que era difícil e talvez humilhante perceber quanto gostava da companhia do pai e, especialmente, quanta saudade tinha dos tempos em que esse gosto não era ameaçador para ele nem era ameaçado pela fraqueza da irmã a quem o pai tanto protegia. Também falamos das outras “débeis mentais”, do ciúme que ele sente, da injustiça.

Ele ficou calado e depois me disse, um pouco triste: “Eh, foi bem um sonho de saudade. Acostumei mal”. “Mal?” pergunto. Ele ri, confuso. Eu fico calada: percebo que a porta de contato com os desejos ligados ao pai, porta algo aberta no sonho e na conversa sobre o sonho, acaba de fechar de novo. A alma penada da repetição ainda não construiu seu ensalmo.

Por isso mesmo, Zé recupera seu equilíbrio e seu entusiasmo e curiosidade aos poucos, mas sem pausa. Logo está à procura do equivalente da empresa cujo chefe o traiu com uma burrinha e do emprego que um pistolão roubou dele para entregar para uma moça limitada. As deusas estão com ele, mas os deuses protegem mocinhas.

Poucos meses depois, Zé vem com a notícia de que decidiu se apresentar como candidato para uma bolsa no exterior, muito difícil de obter porque participam postulantes do mundo inteiro. Deverá estudar o ano todo com muito afinco, mas se ele ganhar... A essa altura de sua análise eu imagino que a repetição que o caracteriza continua dona da situação e segura a chave dos sintomas, mas, pelo menos, podemos nomeá-la, incluí-la em algumas situações e até brincar com ela. Por isso intervenho: “se você ganhar... vai esnobar a algumas meninas pouco inteligentes, mas... e se alguma tiver pistolão?” Ele ri com esse tipo de intervenção e assegura estar vacinado. Em todo caso, algo ressoou nele porque na sessão seguinte me disse que ficou pensando e reparou que nessa bolsa costumava haver poucas aspirantes mulheres e que, sem perceber, tinha eliminado grande parte da concorrência perigosa das hipotéticas protegidas.

O ano passou e o Zé trabalhou com toda intensidade em prol de seu objetivo. Dessa vez, ganhou a bolsa, foi para o exterior e não voltei a ter notícias dele.

Sem dúvida, eu não tenho nem jamais tive a intenção de “saber” nada sobre esse senhor e essa senhora que eram seus pais na realidade. Mas não foi possível deixar de “conhecê-los”, na versão Zé, como identificações intrapsíquicas participantes no diálogo analítico. Ora por perceber que, para ele, eu as encarnava nas sessões, ora por ouvi-los falar por sua boca ou a de outras personagens de sua vida e de sua história. De um modo ou de outro, sempre chamou minha atenção uma espécie de diferença temporal com relação às identificações superegoicas de outros pacientes da mesma geração do Zé.

Talvez porque ele pertencia a uma família que conservava modos de vida tradicionais, enquanto a maior parte das pessoas de sua geração e classe tinham pais separados, muitos com novos casamentos, mães que exerciam profissões de nível universitário e não apenas se dedicavam ao lar, etc. Mas, no caso de Zé, as duas identificações superegoicas pareciam complementares sem muita sobra nem fissura: uma tão completamente “fálica”, quanto “castrada” a outra. As duas de uma dimensão patriarcal claramente definida. Para muitos autores, esse “pai forte” seria garantia da constituição de sujeitos com um mínimo de neurose, hipótese que não se verifica no caso do Zé. Ele sofria tanto com seus sintomas quanto outros pacientes com famílias muito afastadas do figurino tradicional e, portanto, expostos a outros efeitos de subjetivação. Essa linha de pensamento nos levaria a trabalhar a problemática da etiologia das neuroses em situações históricas diferentes... trabalho que deixaremos para outra ocasião.

Comentário de Leopoldo Nosek

1.

Quero agradecer a revista *Percurso* pela oportunidade de participar desta importante seção editorial, num momento em que me parece cada vez mais necessário o diálogo entre vozes de diferentes instituições psicanalíticas. A proposta se revelou de uma dificuldade inesperada. Venho participando de incontáveis conversas sobre material clínico de colegas, mas nunca por escrito. Foram sempre conversas ao vivo, sujeitas à inspiração e aos percalços do momento e antes de tudo à precariedade inerente à palavra falada. Vieram daí um hábito e uma preferência que tentarei explicar.

Não creio que possa capturar a decantada “dinâmica do paciente”. Aliás, nem me atribuo tal tarefa. Uma discussão pode apenas fazer surgir uma iluminação parcial de um momento clínico, uma compreensão necessariamente provisória. A alteridade é infinita, e alguém já disse que a totalidade é a perversão do infinito. Ocorre-me uma circunstância certamente familiar a todos: não sei quantas vezes já “compreendi”, por exemplo, o conceito de narcisismo, mas a cada vez que volto a ele compreendo-o em outro nível de profundidade, em outro grupo associativo, e sempre me espanto com minha ignorância passada.

Toda vez que tenho a sensação de haver compreendido um paciente, em pouco tempo uma surpresa ou um susto me devolvem à costumeira perplexidade que me acompanha na clínica. Se no início reconheci aí um matiz persecutório – pois essa limitação me parecia pertencer unicamente a mim –, aprendi depois a comemorar minhas ignorâncias, a riqueza infinita que se desenrola diante de mim e a insegurança que sempre me faz companhia. Penso no conhecimento não como captura do objeto investigado, mas como processo de ganhar altura em relação a ele; desse modo, à medida que vou conhecendo, o campo do desconhecido vai se ampliando, e assim infinitamente.

Descrevo outra experiência comum. Quando leio um texto de Freud, surgem associações que rabisco no pé da página. Ao reler o texto em outra ocasião, elas me parecem muitas vezes estranhas, sou tomado por novos pensamentos, imagens e emoções. Se em algum momento invejei quem me parecia se apropriar em definitivo do texto freudiano, hoje tenho claro que o leio em chave associativa, com o inconsciente exposto. Conhecimento acadêmico da obra freudiana é insuficiente para que alguém se

torne analista, como bem sabemos. Enlaçado à atividade clínica, o conhecimento ganha descanso e passa a integrar uma complexa rede de associações inconscientes, ganha uma corporeidade sempre renovada. Necessitamos da grande invenção freudiana que é a situação clínica, encontro único que um paciente, um dia, ensinou a Freud: este lugar feito de associação livre e atenção flutuante. Tenho escrito sobre a associação livre como permissão para que o paciente *seja* e sobre a atenção flutuante como submissão ao traumático com que o infinito do outro me confronta.

A palavra escrita traz um momento emocional que existe como memória. Num encontro pessoal a palavra é volátil, a fala se desfaz nos meandros irrecuperáveis das associações de quem as escuta. Não é impositiva, não pretende nenhuma fixidez. As palavras contêm texturas, cores, olhares e pulsações que ultrapassam seu conteúdo semântico. Queria ter talento para uma escrita que contivesse a delicadeza e o respeito exigidos para tratar de experiências vitais como são as que fazem o nosso cotidiano na clínica. Nossa formação, predominantemente pessoal, tem como veículo primordial a palavra falada ou, mais amplamente, a experiência viva.

Winnicott dizia ter dois sentimentos ao se ver diante de uma plateia: medo de que não o compreendessem e um medo maior ainda de ser compreendido. Durante encontros de supervisão fora do país, muitas vezes fui surpreendido por discussões intensas e profundas. Quando resisti à tentação de me considerar particularmente engenhoso, ocorreu-me que a condição de estrangeiro me dava acesso a segredos e intimidades não permitidos a um analista local. (Talvez exista aí uma razão para o prestígio e a autoridade que costumamos conferir às personalidades que nos visitam do exterior.) Creio não me enganar ao dizer que a apresentadora pretende, a um só tempo, revelar e esconder, e suponho estar claro que correrei o mesmo risco que ela: o de me revelar mais do que gostaria.

2.

O que o paciente relata como “síndrome do pânico” é perceptivamente apresentado como um “objeto estranho” que ele possui e que o invade. Parece ser como uma infecção, um abscesso ou um tumor. O modelo médico serve bem ao equilíbrio de Zé (aliás, um codinome mínimo, muito usado quando se quer dizer que alguém é ninguém). Como numa anamnese, ele conta o que imagina ser de interesse para a analista e que também serve à forma de pensar dele próprio. Fala de “sentimentos de morte”, e, não nos sendo dado conhecer o que sejam de fato tais sentimentos, podemos supor que Zé se refere a um estado particularmente agudo de angústia. Tradições milenares ligam a morte ao distanciamento dos familiares, como em nosso desamparo mais básico. Temos a tradição dos cemitérios e o uso de dar residência ao corpo junto da família. Há quem prefira a cremação, às vezes por temor de angústias claustrofóbicas ou de ser vitimado pelo canibalismo de entes fantasmáticos. Seja como for, a fantasia mais comum é a de estar longe dos objetos primários.

Zé é surpreendido por uma invasão de fantasmas primitivos e se defronta com a falência de seus métodos habituais de equilíbrio. Estamos diante de uma catástrofe psíquica ou, em outra construção, de morte psíquica. A analista é vista como alguém que, com habilidade de cirurgião, saberá dar fim a esses fantasmas indesejados, excessivos, para que Zé possa prosseguir em seu trajeto habitual. Uma psicoterapeuta anterior lhe indicara a ioga que só agora ele começa a praticar. Escutamos e recebemos a transferência

que já encontrou outro receptor no passado. Não deixa de ser interessante o fato de que ele “sabe” sobre a própria fantasia e não procura novamente a antiga terapeuta, não importando as razões para não o ter feito. Tampouco pretende se medicar. Bom começo!

Aquele objeto estranho, tal como apresentado, associa-se ao familiar *splitting*. Existem dois caminhos aí: ou o equilíbrio usual é restabelecido ou há chance de uma análise se iniciar. O que acompanharemos será o relato de um processo em que o sintoma desaparece, o equilíbrio se refaz e temas analíticos ou inconscientes são abordados parcialmente, até que Zé segue sua trajetória individual.

Já pelo relato da primeira entrevista, vê-se como a relação entre os integrantes da dupla analítica se desloca para uma transferência empenhada em conquistar cumplicidade e na qual impera a ausência de sofrimento. A análise “deveria” possibilitar a permanência desse clima – é a fantasia de cura que norteia a demanda de Zé, o que não escapa à analista. Enquanto não irrompem aspectos cindidos no relato, a busca por cumplicidade é o que parece dar o tom. É frustrante para a analista, pois o que ela recebe sempre é o que chamo de *breaking news*, isto é, relatórios do cotidiano, boletins sobre angústias recentes, informes sobre os familiares etc.

Registro uma anotação: nem sempre a fala do paciente tem o estatuto de associação livre. Inúmeros autores já a trataram como veículo de ações transferenciais. Uma fala pode pretender imobilizar o analista, matá-lo, controlá-lo – são tantas as ações quantos forem os momentos da sexualidade. Para meu uso, gosto de pensar que posso ouvir a fala do paciente e ao mesmo tempo visualizar a cena, o psicodrama tácito que se desenrola na sala de análise. Sabemos que o encontro analítico tem potência traumática para ambos os participantes, que pode trazer à tona momentos pulsionais e todo o respectivo cortejo de expedientes psíquicos. Costumo usar a imagem dos cartuns ou das histórias em quadrinhos para descrever como trabalhamos: temos os balões nos quais se inscreve a fala, mas falta a figuração, o desenho do que subjaz àquela fala. Zé se permite ser penetrado pela analista? Permite que ocorra um episódio fértil? Prevaecem mecanismos de controle e expulsão? Propõe uma cumplicidade impermeável à ambivalência dos encontros humanos?

Cada um de nós tem seus modos preferenciais de atuação. Posso almejar ser penetrante, acolhedor, dotado de fertilidade, asseado, lutar todo o tempo com contaminações, controlar o acontecimento, eliminar as impurezas conceituais etc. Também temos nossas teorias prediletas. Por exemplo, posso me fixar na primeira tópica e pensar numa linguagem ou fantasia organizada de modo inconsciente, emoldurada pelo seu repertório de defesas e à espera da conseqüente tarefa de revelação que me caberá. Sabemos, de outro lado, que existe o inconsciente por ser construído, não apenas o recalcado. De qualquer forma, a psicanálise concebe os modos neurótico, perverso, psicótico, traumático e *borderline* como presenças universais do humano. O paradoxo é que, não sendo terapeutas, realizamos a terapia mais poderosa que conhecemos. Não é apenas a famigerada “cura gay” que é antiética. Qualquer intenção de cura pressupõe um equívoco ético da tarefa psicanalítica. (Nossas motivações de cura são abordadas na análise pessoal e nos contam muito sobre nós.)

A analista relata que uma porta se abriu com o trabalho, coroado pela interpretação de um sonho. Surpreendentemente, isso aponta para o final do vínculo. Se para interromper é necessário mudar de país, por que não? Volto a me perguntar se Zé tolera ser penetrado por uma ação interpretativa. Que qualidade de desenvolvimento psíquico

vemos nele para que frequente tão amiúde mecanismos de cisão ou de refúgio no estado de completude, ou, ainda, mecanismos de expulsão do indesejado? Talvez fosse útil fazer como recomendam os pediatras: se a fase é de expulsão, deve-se suspender a alimentação e paulatinamente reintroduzir o alimento, com parcimônia, na medida da regressão do momento expulsivo.

Talvez recorramos com frequência desnecessária aos conceitos de pulsão de morte ou compulsão à repetição. Uma interrupção ou mesmo uma apresentação pública – isto é, um outro destino para a intimidade analítica – são sempre uma ocasião para reflexões. Em minha experiência, situações como a apresentada me falam da precariedade de construção de um espaço de interioridade, o que se associa a sujeitos pouco aptos a lidar com pulsões e fantasias. É como se não tivesse sido construído o inconsciente, o dentro e o fora. O interno e o externo não se diferenciam, e talvez por isso a dificuldade extrema de fazer face a conflitos, contradições e ambivalências – aí o maior desamparo.

Outra questão: quando falamos de figuras edípicas, essas não cabem no relato do atual ou de recuperação de memórias de pai e mãe. No desenvolvimento primitivo, pai e mãe são a complexidade do mundo, o destino, a sorte, o ambiente em que se move o eu. Como objeto de amnésia, apresentam-se em sintomas da linguagem ou na transferência. Se há uma falha na construção do espaço interior, a interpretação do analista não encontrará lugar de repouso. Os sonhos, nesse quadro, não seriam ponto de partida, mas ponto de chegada, produto de trabalho árduo. O sonho narrado no final talvez renunciasse a possibilidade de ambivalência na análise; sob elaboração, sua carga de hostilidade talvez se esparramasse pela relação transferencial; aquele corpo pensado como sendo do pai poderia talvez se atualizar na figura da analista, com a formação edípica ganhando uma expressão concreta, anunciando a morte da análise. Nossas salas são palco de assassinatos, suicídios e incestos, de todas as paixões que o humano possa inventar – aí a potência da cena psicanalítica. Se os fantasmas de Zé não podem repousar em palavras, a tentativa da analista de penetrá-lo o fará sentir que as palavras o trespassam, o ferem. O desamparo é dele mesmo, incapaz que é de fixar entes primários que o ajudem a figurar o que o atinge a partir de seu interior e do mundo ao redor. É o desamparo de quem não pode contar com a própria capacidade de elaboração.

Também, não sendo capaz de figurar a separação de corpo e espírito, o estado que Zé nomeia como pânico fica sem lugar. Não é capaz de reconhecer uma falência psíquica, acredita que vai morrer fisicamente. (Antes de se “popularizar”, o chamado “pânico” levava à busca urgente por um pronto-socorro.) Na impossibilidade de conter a inevitável ambivalência amorosa, cisão e expulsão vão se alternando em seus diálogos e no seu modo de frequentar o mundo, entremeadas de pausas no “maravilhoso”.

A falência catastrófica encontra descanso na perfeição. Se adotamos o pressuposto de uma existência mais madura do psiquismo, a tendência é escutar a fala como associação livre, como se o desamparo dissesse respeito ao recalcado. Essa expectativa, não se confirmando, leva à análise como que um senso de fracasso e impotência – o que é despropositado, pois nossa fertilidade e nossa tarefa estarão sempre em outro lugar. Muitas trilhas terão de ser percorridas antes que possamos estacionar em tão confortável espaço de trabalho. (Também não é desprezível a sensação de desamparo que nos acomete quando ligações de tal intimidade se interrompem.)

Em situação similar à apresentada, poderia me mostrar como quando analisava crianças: disponível pessoalmente para o jogo. Gosto de imaginar, com um paciente

adulto, que jogo estaríamos jogando se ele fosse um menino, ou então, com uma criança, imaginar o que esse senhor ou senhora estaria me dizendo. A dificuldade de Zé em acessar a própria interioridade parece encontrar paralelo em pré-adolescentes ou adolescentes mesmo, nos quais vemos um característico modo precário de lidar com o excesso pulsional. Novamente Winnicott: perguntado sobre em que momento interpretava, dizia que falava muito, pois, se falasse apenas quando “soubesse”, poderiam tomá-lo por oráculo ou qualquer outra figuração da onipotência. Raramente interpretava um adolescente, dizia, mas essas poucas vezes tinham grande poder transformador.

Poderia me imaginar com Zé numa conversa aparentemente sem pretensão analítica, como quem rabisca uma folha de papel (para usar a imagem de Freud) até que apareça a efígie na moeda embaixo da folha. Seria um “jogar conversa fora”. Comentaria as *breaking news* sem recusá-las, como falaria com uma criança, sem interromper o jogo. Poderia lembrar que nem todos os sonhos de que nos fala um paciente são a via régia para o inconsciente. Um sonho, insisto, pode ser o resultado parcialmente final de um longo processo; com frequência, é lembrado na sessão como fruto de trabalho analítico prévio – a interpretação precede a rememoração. A produção onírica pode se referir a momentos da relação analítica em que a posterior elaboração revelará alicerces de um desenvolvimento psíquico. Também teria presente um paralelo com a importância da iconografia cristã na nossa cultura: a imagem do Getsêmani, por exemplo, prescinde de legenda. É assim com muitos sonhos, que nesse caso são ponto de chegada. Podemos muitas vezes comemorar a própria formação de uma imagética onírica, ali onde antes o que havia era o caos.

Ainda uma anotação: tendo a não compartilhar da separação tão frequente entre defesa e verdade oculta. Gosto de pensar, com Didi-Huberman, que a casca da árvore faz parte do caráter da árvore. Posso reconhecer um guapuruvu mesmo sem ter estudos botânicos. Penso que por largo tempo Zé poderia utilizar sua analista como ponto seguro ao redor do qual, muito lentamente (num processo como a cura do queijo, dizia Fabio Herrmann), nas frestas da proposta transferencial, surgiriam oportunidades de elaboração e construção de um espírito mais apto a lidar com as complexidades de seu mundo interno e mais apto também a fazer face à vida que o desafia.

Encerro com um agradecimento à disposição generosa de minha colega analista, a quem espero ter acompanhado ao menos um pouco em seus riscos.

Comentário de Ana Rosa Chait Trachtenberg

Tecendo uma teia

Recebi este material clínico, curiosamente denominado “Momentos de uma Análise”, junto ao convite para participar de um Debate Clínico da revista *Percurso*.

Apesar da natural limitação da palavra escrita deste formato, ousou pedir que me acompanhem naquilo que os “Momentos de uma Análise” foram evocando em minha mente.

Deixarei as ideias fluírem espontaneamente, sem nenhuma pretensão à coerência ou articulação teórica. Minha leitura e comentários vão acontecendo simultaneamente, tecendo uma espécie de teia. Vejamos, juntos, aonde podemos chegar nesta viagem... Espero que possamos encontrar o aspecto lúdico que a brincadeira – quebra-cabeças de

ideias pode nos proporcionar. Entendo como uma busca conjunta do novo, lembrando que se trata de um viés parcial entre os muitos possíveis não excludentes que a leitura pode despertar. Tampouco pretendo armar o quebra-cabeças e sim apenas ressaltar os pontos que brilharam para mim.

Início com a impressão de que se trata de uma analista mulher, a quem chamarei Marisa.

Zé telefona pedindo análise, e Marisa já nos transmite a sua impressão a respeito dele. Do primeiro encontro, Marisa nos informa que o sorriso de Zé *combina* com a impressão gerada pelo telefonema. Pareceu-me importante a escolha da palavra, pois Marisa evita nos falar de confirmação de sua impressão, o que vai nos deixando uma ideia de que Marisa está aberta, disponível para aquilo que se apresenta em Zé, ou de como se apresenta Zé. Marisa está disponível para conhecer um Zé.

O clima é ameno e amigável. E algo, agora, *não combina*. Marisa não se precipita, apenas (!) escuta, intui. Algo *não combina*... Teria que *combinar*?

A tensão parece estar fora desse encontro, com a “síndrome do pânico” como um corpo estranho, mas logo aparecem referências a que há uma angústia que Zé não sabe explicar “*De modo inesperado, não sabe como nem por que, voltaram a aparecer a angústia e os temidos momentos de pânico perante a morte. Por isso me procurou*”. Há uma pergunta no ar, que perfuma (uso esta palavra a propósito, dou vivas para a pergunta, que é um verdadeiro perfume) o ambiente dessa dupla que vai se constituindo: Zé e Marisa. Também uso o verbo no gerúndio, para ressaltar a importância do espaço do entre-dois, que é um vir a ser, permitindo a criação de um trabalho vincular. Marisa, com particular abertura ao novo, não se mostra interessada, neste momento, pela história infantil ou traumática de Zé, não busca causas ou explicações. Apenas o deixa chegar.

Com muita sensibilidade, tolerância e sem se deixar seduzir pelo Bom e Belo da vida que Zé tenta mostrar, Marisa vai reforçando a ideia de que algo *não combina*. Tolerância sua inquietação, a sua dúvida e vai nos convidando a trilhar este caminho. Não se precipita em colocar nomes para o modo em que se apresenta Zé. Acaso não serão estes des-encontros os momentos mais férteis do encontro analítico?

Eu, leitora de Marisa, e acompanhando como vai se constituindo esta dupla, lembrei de um filme já clássico: *A Vida é Bela* (1997), com direção e atuação de Roberto Benigni. O filme italiano transcorre durante a Segunda Guerra Mundial, quando o judeu Guido e seu pequeno filho Josué são levados para um campo de concentração nazista. Afastado da mulher, ele usa sua imaginação para fazer o menino acreditar que estão participando de uma grande brincadeira, com o intuito de protegê-lo do terror e da violência que os cercam no campo de concentração. Guido tenta mostrar ao filho que “a vida é bela”, escondendo a cruel e ameaçadora realidade. O filme, em tom de comédia, é, na verdade, uma tragicomédia. O humor esconde a tragédia da ameaça de morte iminente. Pensei na “síndrome do pânico” de Zé, que sentia que podia morrer, entretanto narrava como sua vida era “bela”! Um menino e um pai...

Os personagens Guido e Josué se confundem com Zé, que carrega a ambos, mas tenta se vencer, sem sucesso, de que a vida é bela, onde não circulam angústias ou temores.

Marisa não se convence. Percebe que estão no cinema e que Zé necessita desta *performance*. Estamos no território do desconhecido. E Marisa – com sabedoria e continência – aguarda, escuta.

Minha intuição me levaria a pensar em algo traumático... terrorífico para Zé, como no filme...

Seguindo o que Marisa nos conta, aparece também uma menção ao “trazer de novo o sofrimento”. Estaria Zé temendo uma re-traumatização através de um contato afetivo com aquilo que está por trás, ou por baixo, ou ao lado de “a vida é bela”?

Marisa nos informa, com muita sagacidade, que “*na minha escuta começam a aparecer perguntas sem muita conexão: nada parecido a uma narrativa*”.

Peças soltas de um quebra-cabeças. Sopra o vento e a história segue bonitinha, agradável. E uma angústia que parece desconectada deste panorama.

A narrativa de Marisa continua e aparece que Zé sente-se “encalhado”, assim como a irmã, o que nesse contexto significa morar com os pais. Bem, a vida não é tão bela assim: morar com os pais, para Zé, é estar encalhado, limitado, preso, ele gostaria que fosse diferente. Estar na casa dos pais denuncia / esconde algum sentimento de desamparo?

Na sequência aparecem fortes relatos ligados ao trabalho e ao que Zé entende como injustiças em relação a ele, favorecendo “débeis mentais”.

Marisa diz : “*Amargo, ele reivindica: não necessito padrinhos, nem antes nem agora. [...] Como um deslizamento sutil, a sedução habitual deixa transparecer a sua face de conluio vingativo e dolorido. Zé não precisa deles. O que quer mesmo é que morram, que sumam da sua vida*”.

Finalmente Zé vai tomando contato com o lado escondido por Zé/Guido a Zé /Josué tal como no filme *A Vida é Bela*. Muito bom sinal para esta dupla de trabalho Zé e Marisa.

Aparecem os sonhos, ligados ao pai morto, ocasião em que muitos de nós pensaríamos nos aspectos edípicos e no desejo de matar o pai. Minha tendência, e me parece que Marisa segue nesta linha, é pensar predominantemente no desamparo vivido por Zé. Sua intensa angústia, seus sintomas de “síndrome do pânico” agora expressados em sonhos e palavras me parecem pré-edípicos, vinculados a situações primitivas de amparo/desamparo. Estão ligados ao viver ou morrer, e não ao fálico/castrado. Há, claro, alguns elementos fálicos (carro forte e grande, por exemplo), mas me parece que o intenso é pelo primitivismo do viver ou morrer. Não por conta de um pai que mata, mas sim por um pai que, se ausente, deixa o filho na intempérie do deserto gelado, do verdadeiro e ameaçador campo de concentração (filme).

Diz Marisa: “*Meu pai cuida muito de nós: quer que tenhamos carros grandes e fortes: é na hora dos acidentes que isso define a diferença entre a vida e a morte*”.

Talvez um pai superprotetor, que blinda Zé frente aos terrores da vida, como Guido faz com Josué, sem saber que, em assim procedendo, na verdade o fragiliza. Uma intensa angústia frente às passagens difíceis da vida – transições – tenha sido sinal de alerta e ao mesmo tempo pedido de ajuda para Zé. Transmite desta forma sua fragilidade, buscando ajuda.

Por outro lado, um pai protetor, cuidadoso, mas talvez ameaçador na mente de Zé se este não for suficientemente Belo e Lindo e Inteligente, etc. para ser merecedor do amor e do amparo. Qualquer “fraqueza” ou “debilidade”, talvez para compensar (dentro do complexo fraterno) a “fraqueza da irmã”, é vivida como uma decepção imposta, raivosamente, a este pai. É um jeito de matá-lo, decepcionando-o em sua suposta expectativa narcisista. Como este pai vingativo se torna vingativo frente à decepção? Causando uma morte iminente. Esta é a lei do narcisismo: matar ou morrer, não há estações intermediárias.

Bem, vou parando por aqui, não sem antes agradecer a este convite tão especial dos colegas da *Percurso*, assim como a “Marisa”, por nos oportunizar com um material clínico tão rico e vivamente relatado, esperando que minhas palavras um pouco soltas e espontâneas possam gerar outras. Quaisquer. Novas.

Notas

NOTAS ENTREVISTA

1. J. Derrida. *Fors, les mots anglais* de Nicolas Abraham et Maria Torok. Préface. In N. Abraham; M. Torok. *Cryptonymie, le verbier de l'Homme aux Loups*. Ed. Aubier-Flammarion, 1976.

NOTAS DEBATES

1. Freud's Free Clinics. *Psychoanalysis and Social Justice, 1918-1938*. New York: Columbia University Press, 2005.
2. Disponível em: <https://youtu.be/IG_DdW4znCE>.
3. C. Dunker. *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica. Uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Anablume, 2012.
4. Expressão cunhada por Dominique Fingermann, em *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 2016.
5. Para conhecer essa discussão, indicamos os artigos: I. Katz; C. Dunker, "Clínica do Cuidado nas margens do Rio Xingu: uma intervenção psicanalítica junto à população ribeirinha atingida por Belo Monte", publicado no site do evento "Clínicas Republicanas e Democráticas, Clínicas Públicas e Abertas", e a publicação do colóquio *Psicanálise nos espaços públicos*, em que consta o artigo "A Clínica do Cuidado: intervenção com a população ribeirinha do Xingu atingida por Belo Monte, de Ilana Katz, disponível no site do Latesfip.